

A HISTÓRIA ORAL COMO PRÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

THE ORAL HISTORY AS PRACTICE IN HISTORY TEACHING

Felipe Nóbrega

Lisiane Soldera¹

Orientadora: Adriana Senna²

RESUMO

A partir da década de 80 importantes transformações se apresentaram no ensino brasileiro de História, passando a se incorporar gradualmente as fontes orais como “ferramenta” possível de ser utilizada. É pensando nisso, que pretendemos no projeto “A História Oral como Prática no Ensino de História” possibilitar ao aluno, se entender enquanto sujeito ativo e construtor do processo histórico. Para tanto, o trabalho conta com a participação dos discentes pertencentes à sétima série do Ensino Fundamental do Centro de Atenção Integral a Criança (CAIC) - escola municipal inserida dentro do complexo da Universidade Federal do Rio Grande. Esses atuarão no projeto como “alunos-historiadores”, estabelecendo através da oralidade a significação que a Universidade possui para eles e para a comunidade circunvizinha a instituição.

PALAVRAS-CHAVE: sujeito histórico história oral e educação.

ABSTRACT

As from the 1980s important transformations happened in the teaching of Brazilian History, gradually incorporating the oral resources as possible “tools” to be used. With this in mind we intend, with the Project “The Oral History as Practice in History Teaching”, enable the student to understand himself/herself as an active person and historical process builder. Therefore, the work is done with the involvement of students of the seventh grade of

¹ Acadêmicos do Curso de História Licenciatura da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

² Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e História da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

Elementary School of the Center of Integral Attention to Children (CAIAC) – a municipal school within the complex of the Federal University of the city of Rio Grande. These students are going to work in the Project as “historian-students”, explaining through orality the meaning that the university has for them and for the surrounding community of the institution.

KEYWORDS: historical individual, oral history and education.

INTRODUÇÃO

A partir da década de 80 importantes transformações se apresentaram no ensino brasileiro de História, principalmente no que tange as práticas pedagógicas. Essas passaram a incorporar gradualmente as fontes orais como “ferramenta” possível de ser utilizada no processo de construção do sujeito. No entanto, essa prática ainda é resignada a segundo plano no cenário educacional.

Assim como Maria Auxiliadora Schimidt acreditamos que as mudanças pedagógicas que vêm ocorrendo no ensino de história estão proporcionando uma superação dos documentos enquanto inquestionáveis e prova do real. Segundo a autora, a utilização de outras fontes que não escritas possibilita ao aluno desenvolver um espírito crítico que ajuda a “diminuir a distância entre a história que se ensina e a história que se escreve” (SCHIMIDT, 1998;60).

É somando essa nova concepção de ensino de história - onde cada vez mais se busca o questionamento das fontes e das “verdades” que pretendemos no presente projeto “A História Oral como Prática no Ensino de História”, possibilitar ao aluno, através da utilização da oralidade no ensino de História, se entender enquanto sujeito ativo, partícipe e construtor do processo histórico.

Tal projeto faz-se de extrema relevância tendo em vista que é uma forma de aproximar o aluno da disciplina de história. Além disso, utilizar a metodologia da história oral na educação permite captar elementos que estão além das evidências documentais tradicionais e ainda agregar à história um pensamento crítico e questionador por parte do corpo discente.

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 126 a 136, jan./jun. 2009](#)

Nesse sentido, o projeto proposto pretende possibilitar aos alunos repensarem o seu papel dentro da sociedade de modo a se conceberem como sujeitos capazes de compreender não só o sentido da história, mas a sua participação nesse processo. Por estar significativamente atrelado a questões educacionais, o projeto ainda contribui para a discussão a cerca das práticas pedagógicas e concepções de história adotados no ensino de história.

Para tanto, o trabalho a ser desenvolvido conta com a participação dos discentes pertencentes à sétima série do Ensino Fundamental do Centro de Atenção Integral a Criança (CAIC) - escola municipal inserida dentro do complexo da Universidade Federal do Rio Grande. Esses atuarão com o que chamaremos de alunos-historiadores dentro do projeto, estabelecendo através da oralidade a significação que a Universidade possui para eles e para a comunidade circunvizinha a instituição.

Dessa forma, o projeto está vinculada ao Departamento de Biblioteconomia e História em parceria com o Centro de Atenção Integral a Criança (CAIC), que cederá suas dependências no período de um ano. Além disso, contamos com a colaboração dos professores das séries ligadas ao projeto, tanto no sentido de cederem horários para a realização das atividades, como também auxiliarem na concretização do mesmo.

BREVE HISTÓRICO DO USO DAS FONTES ORAIS NO BRASIL

Ao contrário dos Estados Unidos³ o Brasil caracterizou-se por um desenvolvimento tardio do uso das fontes orais em projetos sociais, sendo que José Meihy aponta dois elementos cruciais para isso: “... a falta de tradições institucionais não-acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores de histórias locais e a ausência de vínculos universitários com localismos e cultura popular” (MEIHY, 1996; 23). Enquanto internacionalmente a história oral se consolidava nos anos 60, pois se agregava a isso a

³ Meihy nos aponta que desde o final dos anos 30 a Escola de Sociologia de Chicago já efetuava trabalhos importantes nessa área, sendo que a partir dos anos 50 o uso da história oral foi se consolidando dentro do meio acadêmico norte-americano. (MEIHY, 1996; 21).

contracultura e os avanços tecnológicos, no Brasil esse tipo de estudo ainda era encarado com dúvidas quanto a sua autenticidade.

Conforme Meihy, soma-se a esse processo lento de desenvolvimento da oralidade enquanto metodologia da história o golpe militar de 1964 no Brasil. Com a ditadura – que se espalhava pela América Latina – se tornava complicado utilizar opiniões que fossem contrárias ao regime implantado, pois “a história oral tem dupla função política, visto que se compromete tanto com a democracia – que é a condição para sua realização – como com o direito de saber – que permite veicular opiniões variadas sobre temas do presente” (MEYHY, 1996; 23). Dessa forma, a história oral teve que ser “adiada” novamente dentro da historiografia brasileira.

Foi somente a partir da abertura política (1983) que a história oral começou a ganhar força no cenário brasileiro. Começava a surgir uma preocupação, por parte de pequenos arquivos e museus, com o resgate de uma história local, uma história de comunidades a partir de registros vivos que promovesse uma comunicação entre a ensino acadêmico e as necessidades regionais.

A UTILIZAÇÃO DAS FONTES ORAIS COMO PRÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Para Thompson (1998), a história oral, em função da sua natureza criativa e capacidade cooperativa entre os sujeitos, torna-se uma ferramenta possível de ser utilizada em projetos sociais. Segundo o autor, o trabalho com fontes orais pode realizar-se em qualquer lugar, tendo em vista que toda comunidade carrega dentro de si uma história multifacetada de trabalho, vida familiar e relações sociais à espera de alguém que a traga para fora.

Ainda segundo o autor, a utilização das fontes orais como prática no ensino de história

Promove o debate e a cooperação. Ajuda as crianças a desenvolver suas habilidades lingüísticas, um sentido de evidência, sua consciência social e aptidões mecânicas. Para os professores de História, os projetos de história orais têm vantagem especial de franquear para o estudo a história da importância local. (THOMPSON, 1998; 218).

Nesse sentido, o alcance da utilização das fontes orais vai muito além da mera gravação de uma fita, ou transcrição de uma entrevista escrita. Utilizar as técnicas de história oral no ensino de história possibilita aos alunos desenvolverem habilidades lingüísticas tanto faladas como escritas, tendo em vista que estes participam ativamente do processo de redação das perguntas a serem feitas, assim como da realização da entrevista em si.

Além disso, possibilita aos mesmos refletirem sobre o papel que exercem dentro da sociedade enquanto indivíduos. O simples fato da coleta de evidências transfere para o aluno uma “responsabilidade” que até então lhe era negada no processo histórico. Ao trabalhar com evidências os alunos culminam por se envolver (espontânea e conseqüentemente) com habilidades de pesquisa e com isso passam a enfrentar questões fundamentais como “quando confiar numa informação ou duvidar dela, ou como organizar um conjunto de fatos. Vivenciam a história em nível prático, como processo de recriação do passado” (THOMPSON, 1998; 219).

Nessa mesma perspectiva de ensino encontra-se a tese de doutoramento em História Social de Joaquim Justino Moura dos Santos. Ao perceber o pouco interesse de alunos do ensino superior, médio e fundamental na disciplina de história no Rio de Janeiro, em especial no subúrbio carioca, Santos deu início a um projeto que visava inserir os alunos e as localidades em que eles viviam, como integrantes da história do Brasil e do mundo – dando assim ênfase a uma preservação das memórias e das identidades locais. (SANTOS, 2002).

Nossas perspectivas não se distanciam das acima referidas, acreditamos que exista sim um desinteresse dos alunos pela disciplina de história. Tal afirmação se faz necessária, tendo em vista que, enquanto professores de história em processo de formação, esse problema também seja um dos motivos pelos quais elaboramos esse projeto⁴.

Porém, nossa maior aproximação com o trabalho elaborado por Santos está na parte que tangencia a busca da compreensão dos alunos enquanto participantes da história do Brasil e do mundo. Para tanto, partimos da mesma premissa que ele quando diz:

⁴ Apontamos, assim como Achim Schrader que “... nenhum projeto de pesquisa se inicia do zero. Nossas idéias sobre o projeto de pesquisa, que agora começa a tomar forma, até um certo ponto são o resultado de associações mais ou menos conscientes com o já conhecido” (SCHARADER, 1978;21).

A reconstrução da história de um lugar ou de uma localidade implica partir do princípio de que a história está presente em todos os lugares, em todos os momentos. De que o lugar seja quando, qual e onde for, integra-se historicamente a espaços e contextos mais amplos, a partir dos papéis e condições econômicas, políticas, sociais e culturais vividas no dia-dia por seus habitantes e por ele próprio, no município no país e no mundo. (SANTOS, 2002).

É nítido que a pesquisa de Santos se apóia em algumas premissas já citadas de Thompson, o que torna relevante o encontro entre os dois autores no que tange os aspectos da teoria e da prática. A semelhança de Thompson ao autor nacional está na proposta de trabalho junto com os alunos, fazendo com que eles participem de todo processo de construção do projeto – o que conseqüentemente leva-os a compreensão de partícipes da história. Ou como nas palavras do próprio autor:

Na prática incluem-se a si próprios, a seus familiares e demais pessoas da comunidade como partes vivas e ativas da história, e não como ouvintes, telespectadores ou platéia de uma história vista sobre o prisma nacional ou mundial, abstrata e distante, por nunca chegar até eles e até o lugar onde moram ou estudam. Não é uma história centrada em determinadas personalidades e suas realizações, ou em fatos estanques. (SANTOS, 2002)

Nesse sentido, as perspectivas dos autores oferecem subsídios para nossa proposta de inserção do aluno no plano ativo e não passivo da história. Nesse momento fica evidente, mais uma vez que a intersecção entre a teoria (Thompson) e a prática (Santos) acima referidas, resulta naquilo que buscamos como cerne do nosso projeto: o aluno passar a compreender-se como sujeito da história.

METODOLOGIA

Para efetuar este projeto nos apoiamos nas experiências e relatos de Paul Thompson e de Joaquim Justino dos Santos, mencionados anteriormente. Para tanto e, concebendo o uso das fontes orais como um “método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 1989:13), optamos por utilizar técnicas de história oral, mais especificamente a técnica da entrevista.

Em um primeiro momento, efetuaremos uma pesquisa prévia, objetivando a obtenção de informações pertinentes à realização do mesmo. Essa terá como foco principal a realização de um resgate histórico da Fundação Universidade Federal do Rio Grande através dos documentos disponíveis no Núcleo de Memória da FURG (NUME). Paralelo a isso, pesquisaremos também a história das comunidades vizinhas à Instituição, através da imprensa.

Em um segundo momento realizaremos atividades em sala de aula, nas dependências do próprio CAIC. Essa etapa consistirá basicamente na apresentação do projeto para os alunos, aulas teóricas descritivas a respeito da construção do sujeito histórico e aulas práticas, onde os alunos efetuarão entrevistas com seus familiares a fim de evidenciar as concepções que esses possuem a respeito da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

É nessa perspectiva que pretendemos proporcionar uma aproximação entre os discentes e as práticas de história oral e inseri-los ao projeto como “alunos-historiadores”. É importante ressaltar que o produto final organizado pelos alunos não deve necessariamente almejar um padrão técnico de extrema qualidade, pois o que se procura é inserir essas crianças em todas as etapas do processo, para que assim sejam capazes de perceber a sua contribuição no projeto.

No terceiro momento será feita a coleta dos dados que os alunos efetuarão no processo das entrevistas, a partir dos quais construiremos um texto onde os resultados serão devidamente analisados, evidenciados e publicados. Por fim, tencionamos “encerrar” o projeto com a exposição dos resultados para a própria comunidade que colaborou no decorrer da pesquisa, assim como também para a comunidade acadêmica.

JUSTIFICATIVA

Acreditamos que um projeto como esse, torna-se um “elo” que utiliza situações do cotidiano dos alunos e de sua comunidade como elemento fundamental, que se funde na criação de um sentimento de participação na construção do processo histórico. Por isso, de [Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 126 a 136, jan./jun. 2009](#)

forma pontual, salientamos que esse projeto se entende não como um estudo *sobre* os alunos, mas sim *com* os alunos (SCHRADER, 1978).

O projeto ganha justificativa na medida em que as técnicas possíveis que surgem a partir do uso das fontes orais, propiciam a discussão e a participação direta dos alunos em sala de aula, possibilitando o desenvolvimento de senso crítico, capacidade de reflexão, por fim, do seu entendimento enquanto sujeito ativo da história. (THOMPSON, 1998). Além disso, é no uso de fontes orais que surge um contexto no qual a identidade é praticada, onde na dinâmica das histórias coletivas e pessoais, emergem a voz e a identidade como o resultado da interação entre o aluno-historiador e o seu informante (ERRANTE, 2000).

Somado a isso, acreditamos que a história oral é “mais uma ferramenta educacional que possibilita reconhecer as pessoas e os objetos de todos os lugares como detentores de uma bagagem histórica” (FERNANDES, VILARINO E GOMES, 2002). Por fim, encontramos mais subsídios para a elaboração desse projeto no sentido que, na prática, a 'história oral' tende a aproximar, a escola e a comunidade à qual pertence pelo próprio fato de ser parcialmente construída, como vimos, a partir de dados coletados no lugar e na comunidade atendida pela escola.

Nessas perspectivas podemos acreditar que um projeto como esse é plenamente realizável e no caso do trabalho com as crianças do Centro de Apoio Integral a Criança (CAIC) ele se torna ainda mais pertinente por estar buscando uma integração entre a academia e a comunidade vizinha. Além do que, o projeto busca como ementa básica que os próprios alunos se compreendam enquanto sujeitos capazes de “fazer” história e não apenas “olhar” o que está acontecendo a sua volta como sujeitos passivos ao mundo externo (no caso à Universidade e ao saber academicista).

OBJETIVO GERAL

Torna-se mais uma vez necessário reafirmar o caráter desse projeto no sentido de que ele visa trabalhar com os alunos e não sobre os alunos. Por isso, o objetivo principal é possibilitar aos mesmos entenderem-se enquanto sujeitos capazes de construir a história -

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 126 a 136, jan./jun. 2009](#)

sujeitos e não objetos dos movimentos e transformações que acontecem na história - de modo a criarem o que optamos por chamar de “sentimento de responsabilidade” com a sociedade na qual estão inseridos historicamente.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propiciar aos alunos o incentivo à prática e hábito da pesquisa desde o ensino fundamental e também o desenvolvimento de uma reflexão e posicionamento crítico perante a história;

- Identificar a significação que a FURG possui para a comunidade circunvizinha, a partir da “visão” dos alunos e familiares que participarão da pesquisa;

- Ampliar as discussões a respeito das práticas pedagógicas e as possibilidades da utilização da história oral no ensino de história;

- Evidenciar para os alunos vinculados ao projeto que a história pode partir de qualquer lugar;

- Realizar com os alunos uma exposição do material levantado por eles, buscando assim, dar-lhes um retorno sobre o trabalho do qual participaram e ainda possibilitar trocas de experiências com outros projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da ferramenta de História Oral como prática possível de ser aplicada ao ensino de História, surge como uma possibilidade de se considerar o conhecimento que vem com os alunos para a escola. Nesse sentido, o presente projeto faz-se uma alternativa capaz de diminuir a distância existente entre o cotidiano dos discentes e as propostas pedagógicas e educativas.

Levamos em consideração que este trabalho exige um grande comprometimento de nossa parte, pois envolve um esforço em construir algo de relevante para e junto com esses alunos. Além disso, sabemos que as dificuldades permearão todo o decorrer do projeto como: a resistência dos alunos, desinteresse, condições materiais, entre outros, mas cabe a nós, enquanto professores em formação, superá-las e tornar este trabalho significativo.

Dessa forma, não podemos desconsiderar o que este trabalho pode apresentar de relevante em nossa formação acadêmica, ao inserir-nos na “realidade” das salas de aula e proporcionar uma maior reflexão sobre a importância do papel do professor enquanto elemento fundamental para a construção de um conhecimento que permita aos alunos entenderem-se como sujeitos ativos no processo histórico.

Torna-se importante considerar que este projeto, na medida em que se desenvolverá, poderá ir tomando rumos inesperados por nós. Sendo assim, evitamos “fechar” o projeto, apresentar um começo-meio-fim sem nenhuma “brecha” para as novas considerações que poderão ser feitas dentro da sala de aula. Ele estará, no decorrer das atividades, em constante absorção de novos elementos que poderão ser trazidos pelos alunos, tendo em vista que negá-los seria ir de encontro aos objetivos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *História Oral: a Experiência do CPDOC*, Rio de Janeiro, Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil, 1989.

ERRANTE, Antoinette. *Mas afinal, a memória é de quem?* Histórias orais e métodos de lembrar e contar. In: *História da Educação*, ASPHE/UFPEL, vol. 8, 2000, p. 141-171.

FERNANDES, VILARINO E GOMES, *História Oral: Outras possibilidades para o ensino de história*. In: PADRÓS, Enrique Serra. (org), *VI Jornada de Ensino de História e Educação*, Porto Alegre, 2002.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*, Loyola, São Paulo, 1996.

SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. *História do Lugar: Um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental*. História, Ciências e Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9, 2002.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. A Formação do professor de história no cotidiano da sala de aula. In: BITENCOURT, Circe (org). *Saber histórico na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 1998.

SCHRADER, Achim. *Introdução à pesquisa social empírica: um guia para o planejamento de projetos de pesquisa não experimentais*, Porto Alegre, Globo, 1978.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*, Paz e Terra, 2 edição, 1998, São Paulo.